



940

## RELAÇÕES INTERTEXTUAIS ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA: *O IRMÃO ALEMÃO* DE CHICO BUARQUE

Maria Aparecida Mineiro<sup>1</sup> (UEG)  
Márcia Maria de Melo Araújo<sup>2</sup> (UEG)

### GT 10 – Estudos Literários

#### Resumo

Este estudo propõe modos de pensar sobre as diferentes dimensões que o fato histórico adquire no âmbito da ficção em *O Irmão Alemão*, obra de Chico Buarque lançada em 2014. Essa narrativa é mais uma etapa do estilo literário buarqueano que mescla aspectos de sua vida e elementos ficcionais. Dessa forma, o objetivo é o de refletir sobre as relações paradoxais entre literatura e história, na obra citada, de forma a identificar como esses elementos são inseridos na narrativa do escritor, a ponto de se libertar da imposição da história e a afirmação da narrativa como criação literária autônoma. A metodologia aplicada tem como base o pesquisador participante como ator da pesquisa, aquele que realiza o cotejo dos elementos e interpreta os dados. Nessa perspectiva, justifica-se como pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, posto que atende à interpretação dos fenômenos e à atribuição dos significados básicos desse processo de pesquisa qualitativa. Esta pesquisa se pauta em investigações de caráter bibliográfico, com ênfase na discussão sobre o leitor e as relações entre literatura e realidade proposta por Linda Hutcheon em sua *Poética do pós-modernismo* e por Antoine Compagnon, em *O demônio da Teoria*. Lançamos discussão sobre o autor, o mundo e o leitor para refletir sobre conceitos fundamentais da literatura e sobre as relações entre textos. É nesse sentido que analisamos o romance de Chico Buarque e os romances que refletem sobre o próprio processo de elaboração artística e, ao mesmo tempo, utilizam a história para contestar a própria veracidade histórica. Para a realização da pesquisa, o material bibliográfico consiste na análise comparativa de obras literárias e historiográficas, artigos, revistas e outros materiais que versam a respeito do tema. Como resultado, traçamos um paralelo diante das vertentes apresentadas, tendo como aporte teórico Antoine Compagnon, Linda Hutcheon, Maria Tereza de Freitas, dentre outros.

**Palavras-chave:** Chico Buarque. Literatura. História. *O Irmão Alemão*.

#### Introdução

Compreendemos que mesmo com fatos historiográficos, é por meio da literatura que podemos ultrapassar os registros do discurso histórico, delimitando os possíveis fatos. Textos literários possuem mais que análises objetivas de dados, fatos, documentos ou monumentos,

<sup>1</sup> **Maria Aparecida MINEIRO, Mestranda**

Universidade Estadual de Goiás (UEG), PPG-IELT, mineiro.maria@gmail.com

<sup>2</sup> **Marcia Maria de Melo Araújo, Profa Dra**

Universidade Estadual de Goiás (UEG), marcimelo@gmail.com



941

conforme delimita Antoine Compagnon (2010) ao explicitar que a literatura fala também da literatura. Assim, a literatura completa, de certa forma, relações entre ela própria e o mundo porque, pela percepção do leitor, “vítima da ilusão referencial, o leitor acredita que o texto se refere ao mundo, enquanto que os textos literários não falam nunca senão de estados de coisas que lhes são exteriores”. (COMPAGNON, 2010, p. 110).

*O Irmão Alemão* (2014) apresenta, em sua narrativa, elementos ficcionais inspirados na vida real que rompem a ilusão de realidade da obra ficcional. Nela podemos observar momentos históricos que perpassam no romance, tais como a ditadura militar e o holocausto. Chico Buarque, que viveu a época da ditadura militar no Brasil, deixa explícito alguns pontos desse fato histórico. Não obstante, o autor traz uma escrita de momentos da história do Brasil e da Europa e combina certa quantidade de “dados”, conceitos teóricos para explicá-los e, assim, confirma um conteúdo estrutural profundo que é em geral poético e que faz do paradigma pré-criticamente aceito e funciona como meta-história. (WHITE, 1994).

Dessa forma, comprometida com a relação entre literatura e história, haja vista o contexto histórico que a obra de Chico Buarque parece-nos querer encaixar na literatura brasileira, *O Irmão Alemão* aponta para diferentes dimensões que o fato histórico adquire no âmbito ficcional, pois o autor utiliza sua história aliada a momentos históricos por ele vivido e acrescenta ficção ao seu enredo, ainda que

a única maneira aceitável de colocar a questão das relações entre a literatura e a realidade é formulá-la em termos de “ilusão referencial”, ou, segundo a célebre expressão de Barthes, como um “efeito do real”. A questão da representação volta-se então para a do verossímil como convenção ou código partilhado pelo autor e pelo leitor. (COMPAGNON, 2010, p. 107).

Por outro lado, seguindo o raciocínio de Compagnon (2010, p. 160), “texto e leitor se dissolvem em sistemas discursivos, que não refletem a realidade, mas são responsáveis pela realidade, tanto a dos textos quanto a dos leitores”. Nessa perspectiva, evidenciamos no presente estudo, a relação entre a literatura e a história, a maneira como, em *O Irmão Alemão* de Chico Buarque, realidade e ficção se misturam produzindo um efeito de convencimento do leitor a respeito de acontecimentos verossímeis.

Para isso, traçamos um paralelo diante das vertentes apresentadas, tendo como aporte



942

teórico Linda Hutcheon (1991), Antoine Compagnon (2010), dentre outros, que, a despeito de uma tomada de consciência de um tipo de fenômeno literário, lançam discussão e questionamentos que expressam mudanças sociais e suas conseqüentes implicações em relação ao leitor.

### Literatura e História

Um dos marcos da literatura do século XX e da atualidade tem se baseado no dialogismo intertextual e na autorrepresentação do fazer poético. Muitas obras restabelecem uma espécie de diálogo com outras áreas do saber, tais como pinturas, outras obras literárias, obras históricas, filmes, entre outras. Nessa perspectiva, Linda Hutcheon foi uma das precursoras dessa defesa ao teorizar a adaptação entre várias mídias, isto é, demonstrar a interação que se faz por intermédio dessas produções existentes. Em virtude disso, em alguns romances, o limite entre a figura do narrador e a do autor se tornou bastante tênue, pois com o ensejo de representar ou apropriar-se de outras personagens, o autor mescla aspectos reais e ficcionais dentro do âmbito literário.

Para Hutcheon (1991), o diálogo que constitui o pós-modernismo foi parcialmente possibilitado pela reelaboração da escritora e crítica literária Julia Kristeva sobre as noções bakhtinianas de polifonia, dialogismo e heteroglossia - as múltiplas vozes de um texto. Dessa forma, Hutcheon (1991) aplica os ensinamentos da crítica literária francesa que desenvolve a teoria de que, a partir da existência da pluralidade de textos dentro de uma produção textual específica, o processo de leitura torna-se um ato de colher, de tomar, de reconhecer traços e o leitor passa a ter uma participação agressiva, ativa, de apropriação. Assim, ela retoma a ideia de diálogo linguístico, onde um texto remete a outros textos, permitindo uma nova forma de ser, ao elaborar sua própria significação.

Na medida em que o diálogo com outras fontes se estabelece, a ficção e a realidade transitam por um plano de autenticação para o leitor, uma vez que parecem encaixar-se dentro da mesma vertente. Convém salientar que a ficção e a história percorrem trajetórias comuns ainda que Aristóteles (2003) fixe que é próprio do historiador registrar o que de fato aconteceu e ao artista o que poderia ter acontecido. Há produções que delinham um passado construído de



943

maneira obscura acordado com investigações históricas convencionais. Há outras, forjadas em tropos e se enquadram no que Silva (1978) entende como um dos pressupostos da literariedade. Constroem-se em linguagem polissêmica e deixam transparecer, ao leitor mais astuto, a ironia, o deboche ou questões incisivas sobre determinados momentos históricos.

Embora apresentem-se contrárias, a literatura e a história passam por trajetórias comuns. Compreendemos que mesmo com fatos historiográficos, identificamos que por meio da literatura, podemos ultrapassar os registros do discurso histórico, delimitando os possíveis fatos e até esclarecê-los. Para tanto, valemo-nos do elemento intertextual, nesta comunicação, para investigar esses registros. Parece-nos viável compreender que a intertextualidade refletida na escrita de Chico Buarque manifesta a necessidade de reduzir a distância entre o passado e o presente e também de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto. (HUTCHEON, 1991, p. 152). O autor utiliza esses ecos intertextuais para enriquecer seu texto e aproximar-se de algumas dessas obras literárias.

Pode-se averiguar que o convívio com os livros, assim como a intertextualidade presente em algumas passagens, e as impressões do narrador sobre as personagens que Chico Buarque descreve, revelam a voz autorreferencial que estabelece relação entre linguagem e realidade: “Fui eu que lhe apresentei Céline e Camus, e em troca ela me emprestou um Henry Miller cheio de sacanagens. Com ela dava para ver Godard, Antonioni e Bergman sem ter de explicar os silêncios, a ela pedi segredo e revelei a história do meu irmão alemão”. (BUARQUE, 2014, p. 36).

Na passagem anteriormente descrita, o narrador se refere a uma garota chamada Maria Helena que fazia cursinho junto com ele, a quem deseja, mas ela se envolve com seu irmão. No final da história, Maria Helena se entrega a seu irmão e chora no seu ombro. Se sente comovido e ao mesmo tempo excitado por ela, então resolve pegar emprestado de seu pai “um Flaubert para lhe dar de presente, não *Madame Bovary*, mas *A Educação Sentimental*. Acontece que a Maria Helena nunca mais apareceu no cursinho, só bem mais tarde eu soube que passou no vestibular de arquitetura”. (BUARQUE, 2014, p. 38).

Há de se convir que existem semelhanças entre o romance de Flaubert e a situação vivida por Ciccio e Maria Helena no romance *O Irmão Alemão* de Chico Buarque. *A Educação Sentimental* ambienta-se na Revolução de 1848 na França como pano de fundo e



944

conta a história de um adolescente apaixonado por uma mulher mais velha e casada. Essa por sua vez, não se entrega a ele, e o apaixonado Frédéric, protagonista do enredo, vive outros amores menores, mas não deixa de amá-la. O romance constitui-se de várias referências históricas e traços autobiográficos do autor como o encontro de Madame Arnoux, baseado em Elisa Schlesinger, o amor de sua vida.

Dessa forma, percebe-se a apropriação dessa personagem, Frédéric, e até mesmo de seus ideais em relação à personagem Ciccio. Um rapaz ambicioso, apaixonado por Maria Helena, uma jovem com mais idade que ele e namorada do irmão dele. Ambos romances têm marcas autobiográficas e são repletos de fatos históricos.

É nesse sentido que podemos afirmar que Chico Buarque realiza um diálogo intertextual mediante o exposto, pois apresenta semelhanças no ato de escrever, além de ser ambientado em um período revolucionário, em que ocorre a ditadura militar: “[...] o boca a boca nos deixava ao corrente das manifestações contra a ditadura que se realizavam vez ou outra pela cidade, obviamente sem a publicidade e a repercussão das marchas católicas do passado”. (BUARQUE, 2014, p. 49). Ademais, entre outras marcas de aproximação, tem-se que o jovem apaixona-se por uma amiga do cursinho de pré-vestibular comprometida, tal como acontece com Frédéric. Além disso, também vive outros amores, mas não consegue esquecê-la. Outrossim, o escritor faz referências históricas como o nazismo, haja vista que seu irmão alemão deveria comprovar sua origem ariana à corte alemã.

Por isso, para melhor compreensão da obra *O irmão alemão*, o leitor necessita das leituras de escritores e cineastas famosos, tais como Céline, Camus, Godard, Antonioni, Bergman, Flaubert, Baudelaire, Francis Ponge. Esses tornam-se responsáveis pela fundamentação do discurso de Ciccio com sua amada Maria Helena. Ainda nesse contexto, servindo-se de semelhante procedimento para atualizar os textos de Céline, Chico Buarque exerce um diálogo de aproximação com *Viagem ao fim da noite*, do autor francês. Trata-se de uma produção supostamente autobiográfica, de linguagem popular e ousada, cujo narrador-protagonista, Ferdinand Bardamu, vive os horrores da Primeira Guerra, passa pela África colonial e pelos Estados Unidos. Em seguida, retorna à França onde se estabelece como médico em um subúrbio de Paris. Ademais, apaixona-se pela enfermeira americana que cuida dele na França. Ao longo do romance, Bardamu sente as fragilidades da condição humana e

denuncia as injustiças da sociedade.

No bojo dessa discussão, percebe-se que a linguagem da obra de Chico Buarque apresenta construções de frases coloquiais, aproximando-se de uma linguagem popular como a do livro de Céline. Igualmente aponta uma suposta autobiografia, se considerarmos que Chico Buarque teve um irmão nascido na Alemanha (BARCA, 2016). Não obstante, Chico Buarque imprime em *O irmão alemão* particularidades sobre as tendências políticas de Ciccio. Esse é um dos detalhes que apontam as convergências comunistas, no período da juventude do autor, e chamam a nossa atenção para o desenvolvimento dessa comunicação, pois em sua biografia Chico Buarque conta a respeito de suas ideias de esquerda desde a adolescência e que no colégio foi o único aluno a se manifestar favorável ao regime de Fidel Castro. (WERNECK, 2007, p. 65). Por outro lado, o protagonista Ciccio enfatiza:

Lá em casa pouco se falava de política, se bem que meu pai, pelo que sei, tendia a ideias socialistas. Não as expressava ultimamente em público decerto porque, como supervisor geral do Cambesp, era subordinado a um governador partidário do regime militar. Mas nas estantes do quarto do casal, um território até então quase estrangeiro para mim, além de teóricos mais conservadores e do já meio batido Marx, havia obras de Engels, Trótski, Gramsci, autores que li por alto para poder citar uma passagem ou outra deles por aí. (BUARQUE, 2014, p. 47).

A intertextualidade representada por meio desses autores Marx, Engels, Trótski, Gramsci demonstram as tendências socialistas do narrador: “A fim de melhor marcar presença eu geralmente levava de casa um volume de *Das Kapital*, e encostado na parede fingia ler Karl Marx em alemão, enquanto os líderes estudantis se digladiavam na frente da sala.” (BUARQUE, 2014, p. 47).

Sob a ótica da ditadura, os artistas daquela época “faziam alusões ao comunismo, ideologia política e socioeconômica que tem por objetivo promover a sociedade igualitária, era o paradoxo do modelo político imposto ao Brasil.” (MATOS, 2011, p. 11). Por isso, muitos artistas eram vistos como ameaças ao governo, pois denunciavam, em suas obras artísticas, as mazelas vividas pelo povo. Portanto, Chico Buarque alinha-se nessa vertente e representa muitas vozes em suas músicas, desde a voz feminina até a do proletariado.

A obra cinematográfica *Duas ou três coisas que sei dela* de Godart dialoga com o romance de Chico Buarque. Embora não seja explícito pelo narrador da obra cinematográfica,



946

esse é o tipo de filme que mostra cenas em que os gritos que ecoavam da guerra no Vietnã são abafados com propagandas e consumo, a ressignificar o espaço urbano em tempos capitalistas e homogêneos. Da mesma forma, em *O irmão alemão*, o desaparecimento e as prisões de pessoas pelo sistema de repressão militar é abafado por meio do silêncio. “Eu era como um negativo dele até para Eleonora Fortunato, que me ignorava ao distribuir camisetas estampadas com o retrato do filho desaparecido.” (BUARQUE, 2014, p. 192). Ou até mesmo a ausência de seu irmão,

Logo se restaurou a democracia no Brasil e nos países vizinhos, até o Muro de Berlim veio abaixo, mas à minha mãe eu pedia um pouco mais de paciência. O Mimmo ainda tem umas semaninhas de pena a cumprir, eu lhe dizia sempre, e pelas fotos dos presídios apinhados mais parecia que, no lugar dos subversivos, a linha dura resolvera encarcerar os pretos. (BUARQUE, 2014, p. 192).

Destarte, o filme *O anjo exterminador* é o escolhido da personagem Ciccio para assistir junto com uma colega do cursinho para provocar ciúmes em Maria Helena.

Era uma caipira até interessante com quem comecei a puxar conversa, um pouco para aporinhar a Maria Helena, e na frente da Maria Helena eu a convidei para um cinema. Fomos ver *O Anjo Exterminador*, mas ela estava tímida demais, assistiu ao filme encolhida na cadeira e não achou graça nas minhas observações. (BUARQUE, 2014, p. 36).

*O anjo exterminador*, dirigido pelo cineasta espanhol Luis Buñuel, foi produzido em 1962 no México e mescla aspectos do real e surreal, herança do convívio de Buñuel com o pintor Salvador Dalí. Trata-se de uma história intrigante que começa com um jantar promovido por um rico casal a um grupo de amigos e eles se veem presos na mansão. Não é uma prisão física, mas imaginária, eles não conseguem sair do local e estão presos por portas e grades imaginárias. Com o passar dos dias, as convenções sociais se esmorecem e os instintos começam a aflorar, como desejos sexuais reprimidos, fome, sede.

Nota-se que o narrador personagem de *O irmão alemão* cita muitos autores e cineastas europeus. Maria Helena prefere um escritor norte-americano. Decerto para validar sua atração por Ciccio e ser correspondida também por ele,

A temperatura entre nós dois então só fazia aumentar, e quando insisti para que subisse comigo em casa, ela aceitou com a ressalva de que talvez ainda não estivesse



947

pronta para tudo. Sim, era virgem, e a notícia me esmoreceu, ao mesmo tempo que reavivou meus piores temores, pois meu irmão continuava de tocaia à porta do cursinho. (BUARQUE, 2014, p. 22).

Obras francesas envolvem quase todo o cenário de *O Irmão Alemão*. Fica evidente o gosto da personagem Ciccio pela literatura francesa devido a quantidade de livros e filmes que coabitam sua vida: “E um dia a Maria Helena mandou um chofer devolver quantidade de poetas franceses que eu tinha surrupiado de casa, de Baudelaire a Francis Ponge” (BUARQUE, 2014, p. 24).

Comprometido com a relação entre literatura e história, haja vista o contexto histórico que a obra de Chico Buarque parece-nos querer encaixar, *O Irmão Alemão* aponta para diferentes dimensões que os diversos diálogos adquirem no âmbito literário, pois além do autor utilizar sua história aliada a momentos históricos por ele vivido, acrescenta ficção e interação com outras produções.

### Considerações finais

Para investigar a presença paradoxal da história em *O Irmão Alemão* de Chico Buarque, a realização desse estudo se fundamentou, sobretudo, no entendimento de que a construção literária se realiza por intermédio da literatura de textos originais representantes de posicionamentos ideológicos<sup>3</sup> e questionadores do momento histórico que veicula.

Além disso, Chico Buarque traz à baila sua imaginação unida a elementos reais na narrativa. Entretanto, assim como o artista diz, a história do livro acabou, mas a saga pelo irmão continua. Desse modo, por meio de sua narrativa, uma nova memória é “lapidada” ao percorrer as imagens proporcionadas por meio da intertextualidade, da memória e demais elementos constitutivos que contribuíram para a construção da obra. Podemos afirmar que Chico Buarque não descarta o fingimento poético, isso porque ao despertar o leitor com elementos reais, ele acrescenta novas versões para os acontecimentos. Dessa maneira, o autor possibilita a pluralidade, estabelecendo várias verdades, as quais se opõem ao discurso oficial dos acontecimentos tido como único e verdadeiro.

<sup>3</sup> Entendemos por ideológico, neste contexto, ideias e pensamentos de um autor.



948

Por fim, ao permitir que o leitor permaneça na linha tênue da dúvida e da incerteza quanto à ficcionalidade ou não dos fatos narrados, se realmente aconteceram, o autor permite questionamentos quanto à veracidade dos fatos, confirmando um viés da literatura e da história de ultrapassar o papel do leitor como organizador da interpretação da narrativa.

## Referências

ARISTÓTELES. *Arte Poética*: texto integral. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

BARCA, Antonio Jiménez. *Chico Buarque procura (e encontra) o irmão alemão em novo romance*. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/22/cultura/1416613682\\_197649.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/22/cultura/1416613682_197649.html) Acesso em: 01 nov. 2016.

BUARQUE, Chico. *O irmão alemão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

FREITAS, Maria Tereza de. *Literatura e história: o romance revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1986.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MATOS, Alessandro A. Fagundes. Ditadura, mpb e sociedade: a música de resistência em Chico Buarque de Holanda. *Web Revista: Páginas de debates*. UEMS, 2011. Disponível em: <<http://linguisticaelinguagem.cepad.net.br/EDICOES/17/Arquivos/01%20ALESSANDRO.pdf>> Acesso em 03/01/2017.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. *Teoria da literatura*. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1978.

WERNECK, Humberto. *Chico Buarque. Tantas palavras*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correio de Franca Neto. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 1994.